

Passeio nocturno a sul

Passo a deixar um rasto de palavras, como esteira de navio rápido sulcando águas rumo a sul. A cidade adormeceu embrulhada na luz amarelo pálido, os gatos vagueiam nas ruas velhas, sem o odor do peixe, por vezes por entre as fitas caídas na porta das tabernas saem vozes emaranhadas no vinho ácido nas gargantas já.

Os barcos bambolem no porto, não os vejo. Sinto-os a percorrerem-me a pele e sinto o nevoeiro frio a tolher-me os ossos. Dos olhos correm dois rios quase secos, na praia quase extinta dois pescadores tardios lançam a linha noite dentro. São dois, um fuma um cigarro, sinto-lhe o cheiro a tabaco abafado. Os meus pés agora caminham pela beira-mar, o corpo permanece adormecido na atalaia. Quatro centenas de gaivotas cinzentas, não mais acordam ao mesmo tempo e levantam voo aos gritos, esvoaçam por cima de mim e pousam mais atrás. Ainda lhes senti o arfar das penas como seda a rasgar-se na noite.

A cidade não vai acordar tão cedo. Só os gatos vagueiam na calçada de ruas velhas, e algum bêbado tardio em busca da porta velha. O meu corpo permanece sentado nas pedras da índia a olhar a enseada tomada pela névoa. Imagino velas alvas e imponentes navios negros navegando no silêncio húmido. Sou eu que os imagino, um corpo sem pernas, umas pernas a caminharem na beira do mar, a areia fina. Pequenos detalhes para uns olhos cansados, quase dois rios secos. Nas margens brotam pequenas pétalas de flor de sal

João Marinheiro

Recuncho
literario

cheias de ternuras espalhando-se pelas rugas do rosto. Passaram 3 horas e eu sem sono vagueio, a cidade vai acordar no alvor da manhã, os gatos recolheram-se, a ultima taberna antiga com a idade da memória cerrou a velha

porta, escutei as duas voltas do ferrolho metálico a entranhar-se na pedra. As fitas, não lhes distingo a cor. Permanecem quietas como cabelos de sereias longos e negros.

Não sei se as sereias têm cabelos, se são negros se ficam quietos, se algum dia ficaram pendurados a servir de fitas na porta de uma taberna.

Ainda me faltam tantas respostas e tantos sonhos. O castelo tem as portas cerradas, ando à sua volta. Gama permanece altivo encosta-

do à parede a olhar o mar, por um momento sinto um aperto no coração.

O coração de Gama é um coração de bronze, ou o mais certo esqueceram-se de lhe fazer um coração de bronze, de o colocar por dentro do peito. Gama é uma estátua adormecida também...

As pernas voltaram da beira-mar, o corpo descansado reúne-se de novo levanto-me, desço a escadaria velha tomo a estrada rumo a sul, quem sabe um dia chego a São Torpes.

*Resta-nos a memória e o sabor do sal
nos lábios
O peso da verga e da vela armada
A silhueta em contraluz de memórias
guardadas como tesouros
Enquanto a Catrã repousa alicada
na praia e espera
A maré, o vento, a vontade
Ou
O abandono*



¶néditos 2009-10-31



João Marinheiro. Pseudónimo de João Paulo Moreira Baptista, nasceu junto ao mar no farol de Esposende, correu a costa de norte a sul vivendo nos mais diversos sítios. Dessa vivência ficoulhe a ligação ao mar, aos barcos ao património marítimo que defende através de diversas associações das quais faz parte, e a maneira muito própria de sentir.

A escrita, esta escrita é algo que lhe vem desde os tempos de escola, embora a grande maioria dos textos que escreveu nessa altura se tenham perdido um dia.